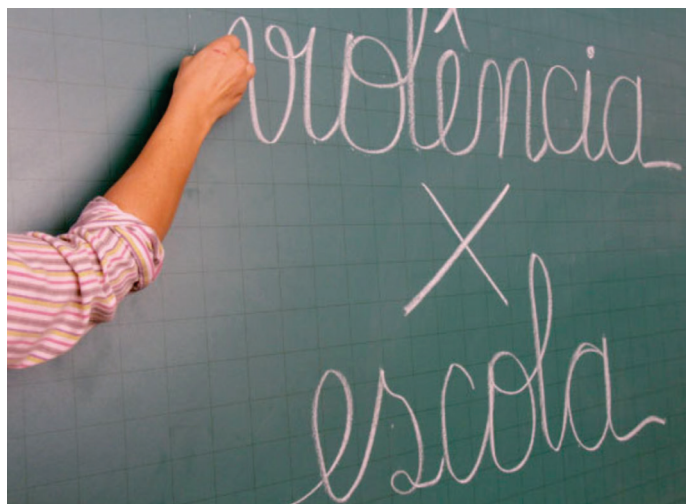


Chega de violência nas escolas!



A violência nas escolas é uma violência contra a mulher, uma vez que as mulheres são maioria entre os profissionais de educação.

Os dados relativos à violência contra as mulheres na educação são alarmantes. Pesquisa realizada em SP pela Apeoesp, em 2013, aponta que quatro em cada dez professores já foram vítimas de algum tipo de violência em escolas; 40% dos professores já sofreram ameaças ou tiveram algum bem pessoal danificado por alunos; 62% já foram xingados; 24% foram roubados ou furtados. Para 57% dos professores, as escolas em que atuam constituem um espaço violento. Além disso, o assédio às alu-



nas por parte dos professores é naturalizado.

A violência está no entorno da escola, principalmente nos bairros mais populosos, pobres e periféricos. Muitas de nossas alunas sofrem ou presenciam a violência machista em suas casas, na rua, nos meios de transporte.

De fato, a vulnerabilidade das escolas e dos professores em decorrência do tráfico de drogas, da crise socioeconômica e da repressão policial aos movimentos reivindicatórios de professores e alunos, assim como a violência simbólica do Estado ao desprestigiar a categoria, são fatores constantes no agravamento da violência na Educação.

Basta de violência e retirada de direitos! Pela vida das mulheres, por emprego, creche e contra a Reforma da Previdência!

As mulheres marcharam contra o Trump nos Estados Unidos, lutaram contra a reforma da previdência de Macri e por “Nenhuma a menos” na Argentina, seguem enfrentando Temer e seu pacote de maldades, denunciando Bolsonaro e a bancada conservadora do congresso.

As mulheres têm sido incansáveis nas lutas do dia a dia. e demonstraram no último toda sua força e poder de mobilização, construindo

uma greve internacional que levou milhares de pessoas às ruas.

Tudo isso porque sentimos com maior peso os ataques dos governos e patrões, vivenciamos o aprofundamento do machismo e da violência como consequência do aprofundamento da crise econômica, do desemprego, da falta de investimento em políticas públicas e sociais, enfim, da falta de perspectiva para um grande setor da população.

Nenhum direito a menos!

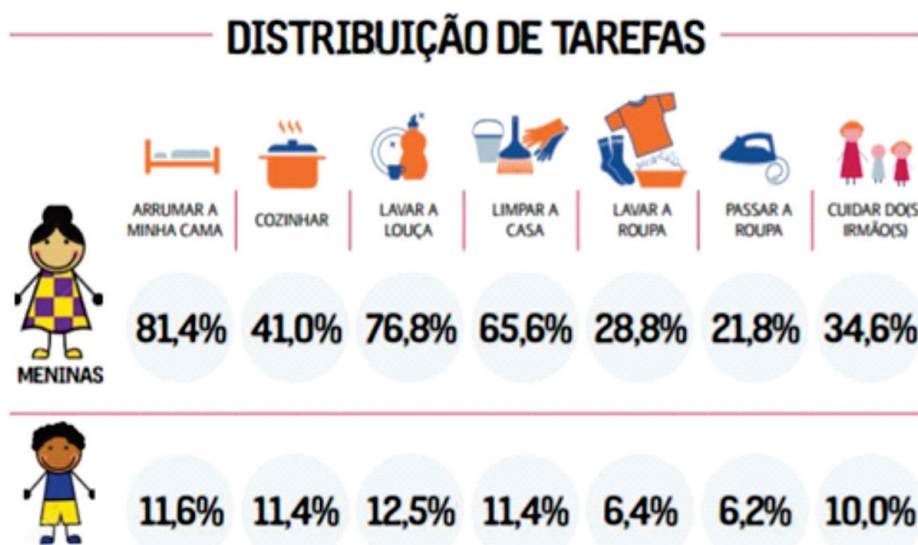


No Brasil, a crise bate mais forte nas mulheres. A taxa de desemprego entre as mulheres é de 12,7%, enquanto que para os homens é de 9,5%. Essa diferença corresponde a 33,6% do índice de desemprego.

Na gestão Temer a tentativa é de aprofundar ainda mais a opressão e a exploração. Isso ficou explícito na aprovação da reforma trabalhista, que retirou direitos históricos dos trabalhadores e trabalhadoras.

Já o projeto de reforma da previdência que o governo pretendia aprovar teve sua tramitação suspensa da pauta de votação do Congresso, em uma vitória da mobilização dos trabalhadores, porque Temer não tinha os votos necessários para aprovar. A reforma trazia em sua essência um brutal ataque às mulheres trabalhadoras, que verão seu tempo de contribuição e idade mínima para aposentar aumentarem; perderão o benefício da aposentadoria especial no caso das educadoras, além de perderem o direito de acumular benefícios no caso das pensionistas. Além dessas mudanças, a desvinculação do valor da aposentadoria do salário mínimo vai representar para as mulheres uma remuneração ainda menor, já que elas representam 70% dentre os que recebem os menores proventos de aposentadoria.

Todos esses ataques, que ocorrem desde a Europa, Estados Unidos, passando pelo Brasil, têm o objetivo de colocar nas costas dos trabalhadores, em especial os setores mais oprimidos e mais penalizados, o preço da crise econômica; ou seja, para garantir os lucros de empresários e banqueiros, a classe trabalhadora deve apertar ainda mais o cinto.



Fonte: Plan Brasil

**Basta de violência e retirada de direitos!
É pela vida das mulheres, chega de feminicídios e estupros!
Não à intervenção militar no RJ!
Por emprego, creche e moradia dignos!
Contra a reforma da previdência e pela revogação da reforma trabalhista!
Fora Temer, Pezão e todos os corruptos do Congresso!**